



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CURSO DE LETRAS**

**REFLETINDO SOBRE VARIAÇÃO E PRECONCEITO LINGUÍSTICO
COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO: UMA ANÁLISE DE ATITUDES
LINGUÍSTICAS**

Ana Paula de Arruda Giffoni

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Clara Dornelles

RESUMO: Este artigo tem como tema central a discussão sobre variação, preconceito e atitudes linguísticas e suas relações com o ensino de língua portuguesa. Serão analisados nesse trabalho dados oriundos de uma sequência didática aplicada com três turmas do Ensino Médio de duas escolas da rede pública estadual da cidade de Bagé/RS, nas quais foi trabalhada a temática da variação e do preconceito linguístico (BAGNO, 1999, 2004, 2007; BORTONI-RICARDO, 2009; GERALDI, 2009; ILARI; BASSO, 2007). Os dados foram gerados ao longo de um ano e meio e tratam-se de produções textuais iniciais e finais dos alunos que participaram da proposta didática. Através da análise e discussão desses dados pretendeu-se investigar se há alguma evidência de mudança nas atitudes linguísticas (FERNÁNDEZ, 2005) desses alunos da produção inicial para a final e também avaliar se a sequência didática atingiu os objetivos almejados. Os resultados apontam que houve uma mudança nas atitudes linguísticas dos estudantes e, conseqüentemente, considera-se que a sequência didática atingiu os objetivos esperados.

PALAVRAS CHAVE: variação linguística; preconceito linguístico; atitudes linguísticas;

RESUMEN: Este artículo tiene como tema central la discusión sobre variación, prejuicio y actitudes lingüísticas. Serán discutidos en este trabajo datos originarios de una secuencia didáctica aplicada con tres grupos de la enseñanza secundaria de dos escuelas públicas de la ciudad de Bagé/RS, en la cual fue trabajada la temática de la variación y del prejuicio lingüístico (BAGNO, 1999, 2004, 2007; BORTONI-RICARDO, 2009; GERALDI, 2009; ILARI; BASSO, 2007). Los datos fueron generados a lo largo de un año y medio y se tratan de las producciones textuales iniciales y finales de los alumnos que participaron de la propuesta didáctica. A través del análisis y discusión de esos datos se pretendió investigar si hay alguna evidencia de cambio en las actitudes lingüísticas (FERNÁNDEZ, 2005) de esos alumnos y también evaluar si la secuencia didáctica atingió los objetivos deseados. Los resultados indican que hubo un cambio en las actitudes lingüísticas de los estudiantes y, conseqüentemente, se considera que la secuencia didáctica atingió los objetivos esperados.

PALAVRAS CLAVE: variación linguística; prejuicio linguístico; actitudes linguísticas;

1. INTRODUÇÃO

A temática da variação e do preconceito linguístico vem sendo discutida já há algum tempo no âmbito acadêmico (BAGNO, 1999, 2004, 2007; BORTONI-RICARDO, 2009; GERALDI, 2009; ILARI; BASSO, 2007), indicando a importância de se trabalhar esse tema na escola, valorizando a variedade linguística utilizada pelos alunos e promovendo a reflexão sobre a língua em uso e sobre o respeito às diferenças. No entanto, poucas são as propostas didáticas que trabalham significativamente este tema, fazendo o aluno perceber que a variação linguística e o preconceito referente à utilização de variedades menos prestigiadas do português estão no seu dia-a-dia e interferem diretamente na organização da sociedade na qual vivemos.

Se analisarmos os livros didáticos, perceberemos que a temática da variação linguística restringe-se à reflexão sobre a utilização de variedades dialetais referentes às distintas regiões do país, a chamada variação diatópica¹ (ILARI; BASSO, 2007), apresentando exemplos bastante estereotipados da fala caipira, gaúcha, carioca, nordestina etc (BAGNO, 2007). Entretanto, dentro do seu próprio contexto regional, nas diversas esferas sociais na qual circula, o falante poderá encontrar o uso de diferentes variedades linguísticas, mais prestigiadas e menos prestigiadas, que estão diretamente ligadas ao nível sócio-econômico e cultural do qual se origina o falante (a variação diastrática), ou ao uso de diferentes meios e modalidades de comunicação (a variação diamésica) (ILARI; BASSO, 2007). Portanto, entendemos que se faz muito mais relevante e significativo para os alunos o trabalho baseado na reflexão sobre as variedades linguísticas em função dos diferentes contextos sociais, econômicos e culturais, do que o trabalho que se limite apenas a reflexão sobre as variedades regionais.

Partindo das questões apontadas acima e da observação da realidade escolar de algumas escolas públicas da cidade de Bagé/RS, foi elaborada e desenvolvida por nós, em um trabalho anterior², uma proposta didática na qual se procurou proporcionar aos alunos

¹ De acordo com Ilari e Basso (2007), podemos classificar no português do Brasil as seguintes variações: Variação diacrônica (que se dá através do tempo); Variação diatópica (diferença que uma mesma língua apresenta na dimensão do espaço, quando é falada em diferentes regiões de um mesmo país ou em diferentes países); Variação diastrática (variação que se encontra quando se comparam diferentes estratos da população); variação diamésica (variação associada ao uso de diferentes meios ou veículos).

² A proposta didática foi elaborada e desenvolvida primeiramente na disciplina de Estágio em língua portuguesa II que foi realizado no período de agosto a dezembro do ano de 2010. Posteriormente ao estágio,

do Ensino Médio a reflexão sobre as diferentes formas de uso da língua, oportunizando a conscientização de que existem variedades mais prestigiadas e menos prestigiadas e que essa categorização está ligada a questões sociais, econômicas e culturais, evidenciando que é possível alternar o modo de falar e, em alguns casos, o de escrever, entre as formas cotidianas usuais e aquelas que não são tão usuais no cotidiano – sendo essas últimas as que a escola trata de enfatizar³ – pois servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade (BORTONI-RICARDO, 2009). Pretendeu-se ainda, no trabalho mencionado, enfatizar a valorização e o respeito às variedades linguísticas menos prestigiadas.

Dessa forma, almejou-se realizar um trabalho pedagógico que, por um lado, permitisse que o aluno observasse e refletisse sobre o fenômeno da variação linguística a partir do seu próprio contexto, valorizando a variedade utilizada por ele e respeitando as demais variedades e, por outro, que contribuísse para o desenvolvimento de sua competência comunicativa para utilizar a língua em diferentes situações, conforme as orientações dos documentos oficiais da educação, como por exemplo, os Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul (RIO GRANDE DO SUL, 2009) e Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA, 2006).

A proposta didática citada foi realizada durante o período de um ano e meio com três turmas de Ensino Médio de duas escolas da rede pública estadual da cidade de Bagé/RS. Ao longo deste tempo trabalhando com a temática da variação e do preconceito linguístico em sala de aula, foram gerados dados oriundos das produções dos alunos pertencentes às turmas nas quais o trabalho foi desenvolvido. O presente artigo apresentará a análise e discussão de alguns desses dados, sendo eles: a primeira produção escrita realizada pelos alunos no primeiro dia em que a temática da variação e do preconceito linguístico foi discutida em sala de aula, e a produção final, realizada após o período de reflexão e discussão desenvolvido nas dezessete horas/aula da proposta didática.

De acordo com Fernández (2005), atitudes linguísticas são manifestações de juízo de valor que falantes emitem uns sobre a fala de outros e até sobre a sua própria. Pretende-

o estudo e o projeto elaborados continuaram sendo desenvolvidos dentro das atividades vivenciadas através do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), durante o ano de 2011.

³ A escola não só enfatiza as variedades menos usuais no cotidiano, mas também aquelas que nunca são usadas, ou seja, aquelas que já estão em desuso no português brasileiro moderno.

se investigar se há alguma evidência de mudança nas atitudes linguísticas dos alunos da produção inicial para a final, bem como em suas visões sobre a temática da variação e do preconceito linguístico. Pretende-se ainda avaliar se a proposta didática atingiu os objetivos almejados.

A tradição escolar de valorizar somente a norma-padrão⁴ da língua portuguesa, estigmatizando e desvalorizando as outras variedades, contribui para que os alunos, especialmente de classe social desprivilegiada, sintam-se cada vez mais distantes da sua própria língua e desenvolvam a falsa ideia de que “não sabem falar português”. Os alunos chegam à escola “falando português” e, portanto, dotados de conhecimentos sobre as regras de uso dessa língua, porém a escola⁵ costuma não entender isso como “um saber” e desconsidera o conhecimento que o aluno adquiriu ao longo da sua vida como ouvinte e falante do idioma (BAGNO, 2007; GERALDI, 2009). Como consequência, a escola contribui para que os alunos desenvolvam atitudes linguísticas negativas em relação às variedades que não se enquadram em um modelo de fala entendido como padrão.

Portanto, este estudo justifica-se pela tentativa de avaliar a relevância social do trabalho pedagógico com a variação e o preconceito linguístico desenvolvido em uma perspectiva de reeducação sociolinguística (BAGNO, 2007; BORTONI-RICARDO, 2009; GERALDI, 2009), isto é, que parte do contexto dos alunos para a observação dos fenômenos linguísticos no dia-a-dia e para uma reconsideração das próprias atitudes linguísticas.

Este artigo está organizado da seguinte forma: fundamentação teórica, na qual se desenvolverá os conceitos de variação, preconceito e atitudes linguísticas e se discutirá como esses fenômenos podem ser articulados ao ensino de língua portuguesa; metodologia, onde se explicitará o tipo de pesquisa, o contexto da pesquisa realizada e os procedimentos para a geração e análise dos dados; análise e discussão, onde serão descritas as interpretações das produções iniciais e finais dos alunos e apresentados exemplos dessas

⁴ As relações entre os conceitos de norma-padrão e norma-culta serão desenvolvidas na fundamentação teórica deste trabalho.

⁵ Podemos dizer que não somente a escola, mas a sociedade em geral desconsidera e desvaloriza o saber que o aluno adquiriu ao longo da vida como ouvinte e falante do idioma. Foi possível observar essa visão na polêmica envolvendo o livro didático “Por uma vida melhor”, distribuído pelo MEC, que aborda a temática da variação linguística, enfatizando a origem social dessas variações, sem desvalorizar nenhuma delas. Porém, o livro foi acusado pelos leigos de “ensinar os alunos a falar errado”. Essa polêmica se desenvolveu na mídia no ano de 2011.

produções; considerações finais, nas quais serão apresentadas de forma sintética as conclusões, dificuldades e limitações desse estudo.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. VARIAÇÃO, PRECONCEITO E ATITUDES LINGUÍSTICAS

De acordo com Bagno (2007), ao contrário da norma-padrão, que é tradicionalmente concebida como um produto homogêneo, a língua na concepção dos sociolinguistas é intrinsecamente heterogênea, está constantemente em desconstrução e em reconstrução. A língua jamais será um produto acabado, pois é um processo, um fazer-se constante. Portanto, a norma-padrão não pode ser ensinada na escola como única forma adequada, pois a língua é uma atividade social, um trabalho coletivo entre todos os seus falantes sempre que eles interagem por meio da fala ou da escrita.

Conforme Ilari e Basso (2007), o português brasileiro não é uma língua uniforme e, pensar o contrário, além de ser um engano, é limitado, pois nos torna incapazes de lidar com situações que afetam correntemente o uso da língua e seu ensino. Falar ou escrever de acordo com os modelos mais prestigiados de uso da língua é uma forma de valorizar a própria imagem e de sentir-se incluído em determinados grupos sociais, por isso é comum que os falantes procurem definir e consagrar modelos de uso da língua.

Bortoni-Ricardo (2009) aponta que está arraigado na cultura brasileira o mito de que determinadas variedades linguísticas são superiores a outras e indica que o fator determinante para que isso ocorra é que as pessoas de nível sócio-econômico mais elevado e, portanto, que gozam de maior prestígio social, transferem esse prestígio para a variedade linguística que utilizam. Desse modo, as variedades utilizadas por grupos sociais mais influentes passam a ser mais prestigiadas e, conseqüentemente, são vistas como “mais corretas”⁶.

A autora, no entanto, ressalta que essas variedades que ganham prestígio por serem utilizadas por grupos sócio-econômicos mais favorecidos, na realidade, não possuem nada de superior às menos prestigiadas, deixando bem claro que a única diferença entre elas está

⁶ Os conceitos de certo e errado não são aplicáveis do ponto de vista sociolinguístico, porém estão sendo utilizados aqui com o intuito de retratar a maneira como a sociedade entende a uso de variedades linguísticas menos prestigiadas.

ligada a fatores políticos, econômicos e sociais que estabelecem uma relação de poder através da linguagem, assim como de outros aspectos.

Para Bagno (2007), a língua não é simplesmente um meio de comunicação, mas sim um poderoso instrumento de controle social, de manutenção e ruptura dos vínculos sociais, de preservação ou destroçamento das identidades individuais, de promoção ou de humilhação, de inclusão ou de exclusão. Portanto, todas as manifestações verbais de uma pessoa, sejam elas faladas ou escritas, estão sujeitas ao julgamento social e à avaliação de outras pessoas com quem ela interage.

Esse julgamento e avaliação que uma pessoa costuma fazer sobre a fala de outra denomina-se “atitude linguística”, que de acordo com Fernández (2005), é uma manifestação da atitude social dos indivíduos, distinguida por referir-se especificamente tanto à língua, como ao uso que se faz dela em sociedade, destacando que ao falar em “língua”, inclui qualquer tipo de variedade linguística.

A atitude frente à língua e seu uso torna-se especialmente significativa quando se entende o fato de que as línguas não somente são portadoras de formas e atributos linguísticos determinados, mas também que são capazes de transmitir significados ou conotações sociais, além de valores sentimentais. O autor afirma que se pode dizer que as atitudes linguísticas têm a ver com as próprias línguas e com a identidade dos grupos que as usam. Dessa forma, se existe uma relação entre língua e identidade, isso irá manifestar-se nas atitudes dos indivíduos frente às línguas e seus usuários. Uma variedade linguística pode ser interpretada, portanto, como um traço definidor da identidade, sendo assim, as atitudes frente aos grupos com uma determinada identidade são, em parte, atitudes relacionadas às variedades linguísticas usadas por esses grupos e aos usuários de tais variedades.

Em seu livro *“Preconceito Linguístico: o que é, como se faz”*, Bagno (1999) define esse fenômeno dizendo que ele está ligado à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa. O autor explica que a gramática não é a língua, e sim uma tentativa de descrever a norma-padrão, e que, sendo essa descrição parcial, não pode ser autoritariamente aplicada a todo o resto da língua. “No entanto, é essa aplicação autoritária, intolerante e repressiva que impera na ideologia geradora do preconceito linguístico”. (BAGNO, 1999, p. 20).

De acordo com Faraco (2008), a norma-padrão não é uma variedade da língua e sim uma tentativa de se estabelecer um padrão de língua por meio de instrumentos

normativos, tais como as gramáticas e os dicionários. Já a norma culta é o “conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita” (FARACO, 2008, p. 73). O fato de estar relacionada aos usos monitorados e às práticas da cultura escrita faz com que lhe seja atribuído um valor social positivo, ou seja, que se torne uma variedade prestigiada da língua portuguesa.

Fernández (2005) menciona que se as línguas têm significado ou conotações sociais, é natural que sejam apreciadas e avaliadas de acordo com o status ou as características sociais dos seus usuários. Por isso não é fácil delimitar onde começa a atitude para com uma variedade linguística e onde termina a atitude para com o grupo social ou o usuário dessa variedade. Portanto, ainda segundo o mesmo autor, as atitudes costumam ser manifestações ou convenções sociais acerca do status e do prestígio dos falantes e o habitual é que sejam os grupos sociais mais prestigiados, os mais poderosos sócio-economicamente, os que ditam a pauta das atitudes linguísticas das comunidades. Por isso, as atitudes costumam ser positivas frente à língua, os usos e as características dos falantes com maior prestígio e posição social mais alta.

2.2 VARIAÇÃO E PRECONCEITO LINGUÍSTICO E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Ilari e Basso (2007) afirmam que embora para a maioria das pessoas escolarizadas a gramática funcione como uma representação padrão da língua, essa representação é muito pobre. Os autores dizem que essa afirmação tem a seu favor argumentos fortes, que comprovam a incapacidade dos gramáticos de entender a língua além dos limites estabelecidos pela norma prescritiva.

A concepção de língua que provém das gramáticas não contempla a complexidade dos fenômenos da língua, excluindo tudo o que diz respeito à textualidade. Dessa forma, segundo os autores, a gramática normativa comete dois grandes equívocos: o primeiro é querer explicar como fenômenos internos à sentença, fatos da língua que na verdade dizem respeito à organização de sequências mais amplas. E o segundo é contribuir para fortalecer a ideia de que qualquer produção textual que contém construções condenadas pela gramática prescritiva é automaticamente um mau texto.

Sobre esse mesmo tema, Bagno (2007) afirma que é um grande engano acreditar que a língua está totalmente registrada nos dicionários e que suas regras de funcionamento são exatamente, ou somente, aquelas que aparecem nas gramáticas, já que é impossível apreender em um único livro a verdade definitiva e eterna sobre uma língua. Segundo o autor, o verdadeiro problema é considerar que existe uma língua perfeita, correta e fixada em bases sólidas, que todas as inúmeras manifestações orais e escritas que se distanciam dessa língua ideal precisam ser eliminadas. Nas palavras do autor:

Assim, não são as variedades linguísticas que constituem “desvios” ou “distorções” de uma língua homogênea e estável. Ao contrário: a construção de uma norma-padrão, de um modelo idealizado de língua, é que representa um controle dos processos inerentes de variação e mudança, um refreamento artificial das forças que levam a língua a mudar[...] (BAGNO, 2007, p. 37).

Bagno diz que cabe aos professores de língua portuguesa o trabalho de reeducação sociolinguística de seus alunos, ou seja, formar cidadãos conscientes da complexidade da dinâmica social e dos valores empregados em nossas relações com outras pessoas através da linguagem, aproveitando para esse fim, o espaço e o tempo da sala de aula. A educação linguística primária acontece espontaneamente com todas as pessoas a partir do momento em que nasce e entram em contato com um mundo em que as pessoas falam o tempo todo em sua volta. Posteriormente, na escola, esse saber espontâneo será transformado em saber formalizado. Sobre isso, o autor diz:

Quando (ou se) essa pessoa vai para a escola, tudo o que ela aprendeu espontaneamente até então, vai se transformar em **saber formalizado**⁷, sistematizado, delimitado em áreas específicas de conhecimento, rotulado por meio de **conceitos**, explicado com a ajuda de **teorias**. (BAGNO, 2007, p.82)

Nos Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul (RIO GRANDE DO SUL, 2009), as recomendações são de que a prioridade no ensino de língua materna não seja fazer com que o aluno saiba classificar os elementos da gramática, mas que ele saiba usá-los reflexivamente. É preciso proporcionar a reflexão sobre a língua, ao invés de fazê-los memorizar a nomenclatura e sua respectiva lista de exemplos, para encontrá-los depois e identificá-los em exercícios estruturais. O documento aponta uma questão fundamental para a constituição de uma pedagogia centrada no texto e nos usos da língua: o entendimento de que a norma-culta é uma entre as variedades da língua portuguesa e o

⁷ Grifo do autor.

reconhecimento de seus valores e funções, acompanhado do tratamento de outras variedades também como objetos importantes numa pedagogia da língua.

Ainda de acordo com o mesmo documento, é compromisso da escola diversificar os sentidos do letramento na vida dos alunos, o estudo da norma-padrão será uma consequência e parte integrante do trabalho a ser feito. Além disso, o compromisso com o exercício da cidadania está ligado ao acesso a textos escritos e falados de caráter formal, o que novamente implica o acesso dos usos padronizados. Entretanto, o fenômeno da heterogeneidade linguística e o fato de que as línguas se constituem como conjunto de variedades precisam ser aceitos pela escola brasileira. O respeito à diversidade linguística e a visão de que essa diversidade é patrimônio, por ser potencial expressivo, parte da história e da identidade das diferentes comunidades de falantes de português, acompanham o trabalho com a norma-padrão.

A escola tem o dever de formar cidadãos críticos e conscientes da realidade a sua volta, portanto trabalhar o combate ao preconceito linguístico como tema transversal aos conteúdos é também formar cidadãos preparados para o bom convívio social, respeitando a diversidade linguística de seu país e tendo consciência de que essa variedade é um patrimônio cultural (RIO GRANDE DO SUL, 2009).

Geraldi (2009) afirma que ensinar língua portuguesa na escola não significa que no processo pedagógico se deva substituir uma variedade por outra, porque uma é “melhor” ou mais “certa” que a outra, significa sim construir possibilidades de novas interações dos alunos entre si, com os professores e com as pessoas de seu convívio social. O autor ressalta que são nesses processos interlocutivos que os alunos vão internalizando novos recursos expressivos e, conseqüentemente, novas formas de compreender o mundo: “trata-se, portanto de explorar semelhanças e diferenças, num diálogo constante e não preconceituoso entre visões de mundo e modos de expressá-las” (GERALDI, 2009, p. 65).

No entanto, segundo Ilari e Basso (2007), a escola tem anteposto aos objetivos mencionados acima outro objetivo: o da correção. Na prática, a escola não tem trabalhado a partir de um plano voltado para enriquecer sistematicamente a competência linguística do aluno e sim para criar no aluno uma outra competência que, supostamente, coincide com a competência linguística das classes privilegiadas economicamente.

Com essa finalidade, a escola tem trabalhado principalmente no sentido de acostumar os alunos a monitorar de maneira consciente seu próprio desempenho linguístico e para isso investe em duas estratégias principais: a sistematização gramatical,

que na maioria dos casos se confunde com o ensino de nomenclatura, e a análise de sentenças mais ou menos descontextualizadas.

O objetivo da correção é ainda muito forte em relação aos outros objetivos formativos que poderiam orientar o ensino de língua e, conseqüentemente, o professor de ensino fundamental e médio tende a desqualificar como ruim a produção do aluno que cometa inadequações contra a sintaxe ou a ortografia próprias do português padrão, negando-lhes inclusive o caráter de texto.

A “reeducação sociolinguística” proposta por Bagno (2007) trata-se de uma educação nova, de uma reorganização dos saberes linguísticos que não tem nada a ver com “correção” ou com a substituição de um modo de falar por outro. Ao contrário, a reeducação sociolinguística deve partir daquilo que a pessoa já sabe e, segundo o autor, sabe bem, que é falar a sua língua materna com desenvoltura e eficiência. É através desta “reeducação sociolinguística” que o aluno conhecerá os juízos de valor sociais que pesam sobre cada uso da língua e assim poderá ter consciência e repensar suas próprias atitudes linguísticas.

O ensino de Língua Portuguesa atualmente tem um compromisso que extrapola o de ensinar as regras da norma padrão, uma vez que a gramática normativa hoje não dá conta de todas as formas de uso da língua incorporadas ao português brasileiro, tanto nas variedades mais prestigiadas (norma-culta), como nas variedades menos prestigiadas (utilizadas geralmente por pessoas com o nível sócio-econômico mais baixo), como se pode comprovar através de inúmeras pesquisas no campo da linguística (BAGNO, 2004; BAGNO, 2007; BORTONI-RICARDO, 2009; GERALDI, 2009; ILARI; BASSO, 2007).

Portanto, é papel da escola, e principalmente da disciplina de Língua Portuguesa, tratar o tema da variação linguística, permitindo que os alunos entendam que existem variedades mais prestigiadas e que o uso de algumas dessas variedades é mais adequado para algumas situações de utilização da fala e da escrita. Contudo, é preciso também esclarecer que as normas linguísticas não são leis inquestionáveis, e que muitas variantes que antes eram prestigiadas já desapareceram no português brasileiro moderno até mesmo no uso denominado de “norma-culta”.

A partir disso, é possível fazer um trabalho reflexivo sobre variação e preconceito linguístico na sala de aula e, esse trabalho, além de permitir que o aluno se posicione criticamente diante de uma temática que está ligada ao seu cotidiano, também pode ser um

aliado do professor para que o aluno, através da valorização da sua variedade linguística, possa se sentir menos distante do português ensinado na escola.

O ensino “tradicional” de língua portuguesa, através do qual se ensina gramática de forma mecânica e na maioria das vezes descontextualizadas de situações reais da língua em uso, não é eficiente para que o aluno desenvolva competências importantes que o tornem capaz de ler e produzir textos fazendo uso das variedades prestigiadas do português e refletindo sobre as demais variedades dessa língua que podem e deverão ser usadas em diferentes situações de comunicação.

3. METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

Este estudo trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo-interpretativo que, de acordo com André (1995), é o estudo do fenômeno em seu acontecer natural, defendendo uma visão holística do mesmo, isto é, que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas. Nesse tipo de pesquisa, a subjetividade é enfatizada, sendo o foco de interesse a perspectiva dos informantes, neste caso, os alunos que participaram da proposta didática. Também se dá mais relevância ao processo e não aos resultados. Considera-se o contexto como intimamente ligado ao comportamento das pessoas na formação da experiência e se reconhece que há uma influência da pesquisa sobre a situação, admitindo-se que o pesquisador também sofre influência da situação de pesquisa.

3.2 CONTEXTO DE PESQUISA

A sequência didática (SCHNEUWILY; DOLZ, 2004) que deu origem aos dados analisados nesta pesquisa foi elaborada inicialmente para disciplina de Estágio II em Língua Portuguesa e desenvolvida, para o cumprimento da mesma disciplina, durante o segundo semestre do ano de 2010 em uma turma de terceiro ano do Ensino Médio de uma escola da rede estadual situada no centro da cidade de Bagé/RS. Essa escola atende, no turno da manhã, a um público que em sua maioria reside na zona central da cidade.

Posteriormente, a sequência foi adaptada para os moldes das oficinas desenvolvidas pelo subprojeto do curso de Letras da Universidade Federal do Pampa- UNIPAMPA no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID e aplicada durante o

primeiro e o segundo semestre do ano de 2011 em duas turmas de segundo ano do Ensino Médio da escola participante desse programa. Essa escola também pertence à rede estadual de ensino, porém situa-se em uma zona mais afastada do centro da cidade e atende a um público mais heterogêneo, provenientes tanto do centro como também da periferia.

Também já foi dito na introdução deste trabalho que os dados analisados serão as produções iniciais e finais dos alunos participantes das três experiências realizadas com essa proposta de sequência didática. Portanto, para que o leitor possa entender melhor o trabalho como um todo e, principalmente, a leitura e interpretação dos dados feitos na análise e discussão deste artigo, a seguir serão relatadas, de maneira sucinta, as atividades realizadas ao longo da sequência, enfatizando o contexto de produção dos textos que serão analisados.

3.3 PROCEDIMENTOS PARA A GERAÇÃO DE DADOS

A sequência didática foi composta de uma carga horária de 17 horas/aula, nas quais o principal objetivo era promover a reflexão sobre a temática da variação e do preconceito linguístico existentes no português brasileiro. O projeto teve como base principal gêneros do discurso da esfera digital e propagandas sociais, visando abordar suas diferentes apresentações no que se refere ao uso da linguagem, tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita.

Paralelamente à temática da variação e do preconceito linguístico, foi trabalhado o conteúdo gramatical de colocação pronominal, que possibilitou a reflexão linguística sobre a língua em uso e a língua ensinada pela gramática normativa, já que na língua portuguesa se usa basicamente a próclise, enquanto a ênclise e a mesóclise estão praticamente em desuso na língua falada e, a no caso da mesóclise, também desaparecendo da escrita.

Durante a primeira aula da sequência, com o objetivo de introduzir o tema a ser trabalhado, foi feita a leitura em conjunto do poema “Pronominais” de Oswald Andrade. Após a leitura, iniciou-se um debate sobre o que o autor estava dizendo nesse poema. Em seguida, os alunos dividiram-se em pequenos grupos de até quatro alunos para debater e responder por escrito às seguintes questões:

1. Como vocês entendem esse texto?
2. Que ideia está sendo defendida nele?

3. Vocês concordam com esta ideia? Justifiquem a resposta e cite outros exemplos que ajudem a sustentar o ponto de vista de vocês.⁸

Foram dados 20 minutos para que eles debatessem nos pequenos grupos e formulassem as respostas em uma folha. Após, um integrante de cada grupo leu para turma a resposta elaborada para a primeira questão proposta e em seguida foi feita uma reflexão sobre as respostas. O mesmo procedimento foi feito com as outras duas perguntas.

Após esta atividade, foi dada continuação da discussão sobre variação linguística através da apresentação das alternativas abaixo e questionamento sobre o que eles usavam com mais frequência ou qual lhes parecia mais “normal”, conforme proposta retirada do livro “Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística”, de Marcos Bagno:

(1a) Me empresta uma caneta

(1b) Empresta-me uma caneta?

(3a) Ela não quer te ver mais.

(3b) Ela não te quer ver mais.

(3c) Ela não quer ver-te mais.

(2a) Eu já tinha me esquecido!

(2b) Eu já me tinha esquecido!

(4a) Eu me chamo Paulo.

(4b) Eu chamo-me Paulo.

(5a) O prazo se encerrará no dia 9.

(5b) O prazo encerrar-se-á no dia 9.

Questionamentos durante a discussão:

Qual das alternativas encontramos na gramática?

...então todo mundo fala errado?

...então a gramática está errada?

E outros questionamentos que surgiram durante a conversa, todos com o propósito de instigá-los a começar a pensar na variação linguística. Após, foi promovida uma reflexão e discussão guiada pela professora sobre as seguintes temáticas:

- Diferença entre norma-padrão e norma-culta
- Existem variedades prestigiadas e variedades estigmatizadas da língua?
- O que é preconceito linguístico?

⁸ Atividade retirada do site: <http://www.lettras.ufmg.br/redigir/atividades.htm>

Após a discussão e explicação sobre as temáticas, os alunos foram orientados a produzir um parágrafo sobre o que eles entenderam por “preconceito linguístico” e como eles se posicionam diante deste tema. Os parágrafos produzidos compõem o que chamamos de “primeira produção” e são parte dos dados que serão analisados neste trabalho.

As aulas seguintes também procuraram promover a reflexão linguística de maneira que os alunos pudessem se posicionar criticamente diante da temática do preconceito linguístico, sempre enfocando a reflexão para a dicotomia que existe no senso comum entre a língua que se fala e a língua que se escreve, permitindo assim, que os alunos percebessem que a língua varia de acordo com *quem* fala ou escreve, *para quem* este alguém fala ou escreve e com *que propósito* fala ou escreve⁹.

Através da análise comparativa e discussão da linguagem utilizada em gêneros como, por exemplo, o Twitter do Willian Bonner e a sua fala do no Jornal Nacional, foram desenvolvidas reflexões sobre a maneira como a gramática normativa da língua portuguesa diz que o idioma funciona e como isso acontece na língua em uso, tanto em situações de fala como de escrita.

O conteúdo de colocação pronominal também foi trabalhado de forma reflexiva, na tentativa de fazer com que os alunos percebessem que a língua muda e que a norma culta da língua portuguesa também não obedece totalmente as regras gramaticais prescritivas, uma vez que é aceito na linguagem oral o uso da próclise absoluta e na escrita a mesóclise também está desaparecendo.

Como proposta de produção final, foi solicitado que os alunos produzissem uma propaganda impressa de cunho social para ser divulgada dentro da escola através da qual eles deveriam promover a ideia de combate ao preconceito linguístico. Essa propaganda deveria ser confeccionada no computador e utilizando o programa Power Point. Para que essa atividade fosse desenvolvida com sucesso, foram seguidos os seguintes passos: exposição e reflexão sobre as principais características do gênero, leitura e análise de diversos exemplares do gênero, apresentação da proposta de produção, primeira escrita, segunda escrita e produção final, sendo realizadas orientações para a escrita e reescrita durante a aula, a distância (por e-mail e MSN) e utilizando o laboratório de informática.

As propagandas foram elaboradas em grupos de no máximo cinco alunos e, no último dia de aula da sequência didática eles tiveram que apresentar as suas produções para

⁹ O conceito de gênero discursivo (BAKHTIN, 1992) embasou a proposta de produção e a análise de textos.

a turma, explicando a mensagem que desejavam passar. Algumas apresentações foram filmadas e também houve registro nos diários reflexivos da professora.

Tendo em vista que esses textos (propagandas) produzidos pelos alunos compõem a “produção final”, que fazem parte dos dados a serem analisados neste artigo, a seguir apresento a proposta de produção oferecida aos estudantes:

Atividade avaliativa:

- ⇒ Imagine que você e seus colegas foram contratados para criar um anúncio para uma campanha publicitária destinada a promover o combate ao preconceito linguístico e o respeito à linguagem utilizada por pessoas pertencentes a diferentes classes sociais, regiões e comunidades.
- ⇒ Para a criação do seu texto, não se esqueça de levar em consideração os seguintes aspectos:
- ✓ Público a quem se destina: *alunos da escola, professores, pais e possíveis visitantes.*
 - ✓ Local de publicação: *“nome da escola”*
 - ✓ Objetivo do anúncio: *chamar a atenção das pessoas de que o preconceito com a variedade linguística dos outros é um comportamento inadequado.*
 - ✓ Período de publicação: *mês e ano de divulgação dentro da escola.*
- ⇒ Não se esqueça de observar:
- ✓ Se a imagem e o texto verbal se complementam.
 - ✓ Se o anúncio como um todo é atraente para os leitores.
 - ✓ Se o texto apresenta bons argumentos para convencer o leitor a mudar de comportamento/atitude.
 - ✓ Se a linguagem está adequada ao público a quem se destina.

3.4 PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise dos dados gerados durante as três aplicações da sequência didática descrita acima, foram realizados os seguintes procedimentos:

Primeiramente, foi feita a leitura e análise das primeiras e últimas produções separadamente, com o objetivo de captar de forma geral qual era o posicionamento anterior dos alunos em relação à temática debatida e como ficou esse posicionamento após o desenvolvimento da sequência didática, verificando se há evidências de mudança nas atitudes linguísticas desses alunos (FERNÁNDEZ, 2005). Foram lidas sessenta e oito produções iniciais e vinte e uma produções finais.

Posteriormente, foram agrupadas as produções iniciais e finais em categorias que demonstram a reflexão do grupo em relação à temática debatida e que revelam suas atitudes linguísticas no momento das produções. Neste trabalho serão apresentados e discutidos sete exemplos de produção inicial e seis exemplos de produção final, a escolha

desses exemplos foi feita de maneira que fossem apresentadas produções das três turmas nas quais o trabalho foi desenvolvido e que melhor representam as categorias mencionadas acima.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO

4.1 PRIMEIRAS PRODUÇÕES

A leitura individual das primeiras produções dos alunos mostra que, a partir da discussão feita na primeira aula, a temática da variação e do preconceito linguístico passa a “existir” para eles, que antes a desconheciam. Para ilustrar trago, exemplos dessas produções nas quais os alunos revelam o fato de nunca terem parado para pensar sobre esse assunto:

Exemplo 1:

Eu não sabia que existia esse tipo de preconceito, mas agora sei e acho esse tipo de preconceito grave. Não acho que as pessoas devem rir dos erros dos outros e sim tentar estimular para o correto, mas sem procurar ofender o outro.

Exemplo 2:

Nunca tinha pensado na questão de achar que alguém está falando errado como um preconceito. Existe uma variação de níveis de cultura entre as pessoas com quem convivemos e a cultura influencia na linguagem, pois os mais cultos certamente falam melhor.

É inevitável que, apesar de não falarmos tudo conforme a norma-padrão, achemos estranho quando alguém fala “seje” ou “menas”. O preconceito linguístico existe e é difícil evitá-lo.

Os exemplos acima mostram que a temática passa a ser objeto de reflexão para esses alunos, porém essa reflexão ocorre de maneira diferente para cada um deles, no exemplo 1, o aluno(a) reconhece o preconceito linguístico como uma atitude negativa diante da qual se deve ter sensibilidade; já no exemplo 2, o aluno(a) também reconhece a existência desse preconceito, entretanto pensa que é algo normal e difícil de ser evitado.

Percebendo que há diferentes atitudes linguísticas diante desse primeiro contato com a temática, as produções iniciais foram agrupadas pela semelhança entre o posicionamento desses alunos diante do tema debatido. Os textos foram separados em 5

categorias que indicam quais eram essas atitudes quando o trabalho foi iniciado, a seguir serão indicadas essas categorias e será mostrado um exemplo de produção para cada uma delas:

- Não consideram o desrespeito ou a desvalorização da linguagem do outro um preconceito:

Exemplo 3:

A maioria das pessoas tem hábito de falar “errado” e algumas vezes esses erros são gritantes fazendo com que aconteça deboche. Mas não que isso seja um preconceito.

No exemplo acima, o aluno (a) demonstra uma atitude linguística negativa em relação às variedades linguísticas menos prestigiadas. Quando fala que as pessoas têm o hábito de falar “errado”, ele enfatiza a palavra usando aspas e assim deixa clara a sua percepção sobre as diferentes formas de se fazer uso da língua, para ele, o que foge da variedade prestigiada é *erro*. O aluno (a) salienta que alguns *erros* são *gritantes*, provavelmente nesse ponto ele se refere às variedades mais estigmatizadas da língua, e afirma que são essas diferenças na fala que fazem com que aconteça o deboche e, no fim, afirma que isso não é um preconceito, ou seja, para ele é natural que se satirize o uso da língua que não esteja de acordo com as variedades mais prestigiadas do português.

- Consideram-se preconceituosos em relação à linguagem do outro:

Exemplo 4:

O preconceito é comum em vários fatos do nosso dia-a-dia e na linguagem não é diferente. Eu me considero um pouco preconceituosa em relação a isso, pois dói no ouvido quando alguém fala algo errado como: “pra mim fazer”. Muitas pessoas não gostam de ser corrigidas, eu agradeço se me corrigirem, melhor do que sair falando errado por aí.

Nesse exemplo, a aluna também demonstra uma atitude linguística negativa em relação às variedades menos prestigiadas do português. Ao afirmar que é preconceituosa, ela apresenta um exemplo do uso do pronome oblíquo *mim* no lugar do pronome reto *eu* que, segundo ela, *dói no ouvido*, mas que é comum na fala menos monitorada. Ela também menciona a *correção* como algo positivo, mostrando assim que, para ela, os usos comuns às variedades menos prestigiadas devem ser substituídos pelos usos das variedades mais prestigiadas.

- Associam a linguagem à falta de estudo e à cultura do falante:

Exemplo 5:

As pessoas que frequentam ou frequentaram uma escola, que têm um certo conhecimento, têm um preconceito com as pessoas que não tem acesso ao estudo, preconceito com a fala. Mas quase nunca levam em consideração o convívio daquelas pessoas, por exemplo, os pais sem estudo vão falar errado, o filho vai crescer ouvindo aquilo e para ele não vai ser errado, vai ser algo comum.

No exemplo cinco podemos perceber uma atitude linguística positiva do aluno (a) em relação às variedades linguísticas menos prestigiadas, pois ele entende que a fala está ligada à origem social do falante e ao acesso a educação formal, embora ele mantenha a noção de *erro*, o que é normal no senso comum.

- Reconhecem o preconceito linguístico como algo negativo/ posicionam-se contra:

Exemplo 6:

É um tipo de preconceito que não é muito comentado pelos meios de comunicação, na televisão, por exemplo, existem várias piadas sobre pessoas que falam errado. A primeira vista não parece tão grave, mas imaginem a vergonha de ser exposto ao ridículo apenas pela maneira de falar.

No exemplo acima também podemos identificar uma atitude linguística positiva diante das variedades estigmatizadas da língua portuguesa, pois o aluno (a) percebe que o ato de se ridicularizar uma pessoa pela maneira como ela fala é algo humilhante e que constrange os usuários dessas variedades.

- Identificam-se como vítimas de preconceito linguístico:

Exemplo 7:

Para mim isso nem existia porque ainda não tinham me falado nada sobre esse assunto, mas hoje percebi que isso é algo que nos faz pensar. Eu já sofri esse preconceito, mas levei tudo para o lado da brincadeira na hora que aconteceu isso, mas depois que um colega meu me falou com essas palavras assim “a esqueci ela vem do PV” bairro onde eu moro, isso me deixou muito triste, porque quando erramos, até mesmo erros bobos, como trocar uma letra ou pronunciar algo errado somos julgados ao invés de sermos corrigidos.

Nesse exemplo pode-se dizer que a aluna, embora se identifique como vítima do preconceito linguístico, tem uma atitude negativa em relação ao uso das variedades linguísticas mais estigmatizadas, já que afirma que ao invés de serem julgados, os usuários dessas variedades deveriam ser *corrigidos*, substituindo assim um modo de falar por outro de maior prestígio social.

Analisando isoladamente essas produções iniciais é possível perceber que, conforme já dito, a temática da variação e do preconceito linguístico torna-se visível para eles, que anteriormente a desconheciam ou nunca haviam parado para pensar sobre ela. No entanto, nota-se que inicialmente há diferentes posicionamentos no que se refere às atitudes linguísticas desses alunos, sendo algumas atitudes mais positivas (exemplo 1) e outras mais negativas (exemplo 2) em relação às variedades linguísticas que se distanciam da norma-padrão da língua portuguesa.

Percebe-se também que mesmo nos exemplos que demonstram uma atitude mais positiva diante das variedades linguísticas consideradas “não cultas” aparecem palavras de juízo de valor negativas diante dessas falas, como, por exemplo: “erro” e “errado”, o que evidencia que existe um estereótipo em torno dessas variedades.

Levando-se em conta que esses textos foram escritos no primeiro dia de aula da sequência didática, no qual a maioria dos alunos teve o primeiro contato com a temática, é normal que possamos identificar essas diferenças nas atitudes linguísticas dos mesmos, já que, de acordo com Fernandez (2005), essas atitudes são compostas pelo conjunto dos seguintes componentes: valores, crenças e condutas de cada indivíduo.

4.2 PRODUÇÕES FINAIS

Após verificarmos quais eram as atitudes linguísticas dos alunos no início do trabalho desenvolvido através da análise das primeiras produções, passamos para outra etapa da análise, que consta em analisar as produções finais dos alunos, que foram elaboradas de acordo com a proposta que se encontra na metodologia deste artigo. Pretende-se verificar se houve uma mudança no que se refere às atitudes linguísticas desses alunos em relação à temática da variação e do preconceito linguístico, após o desenvolvimento da sequência didática e dos debates e leituras feitas sobre o tema através da reflexão sobre a língua em uso.

Com base na leitura das produções finais e também na fala dos alunos durante as apresentações dessas mesmas produções (algumas registradas em filmagens e outras no diário reflexivo da professora/pesquisadora), é possível afirmar que, na maioria dos casos, houve um amadurecimento dos alunos frente ao tema debatido e o desenvolvimento de um posicionamento crítico diante da temática do preconceito linguístico. Esse amadurecimento e posicionamento crítico evidenciam que houve uma mudança nas atitudes linguísticas desses alunos, que passaram a ter uma atitude positiva (de respeito) às variedades mais distantes da norma-padrão da língua portuguesa.

Para exemplificar essa mudança para uma atitude linguística positiva, tomemos como exemplo algumas dessas produções finais:

Exemplo 8:



Esse grupo inicia sua produção com um questionamento: “Pra quê?!”, reproduzindo a linguagem oral ao utilizar “pra” e não “para”, que seria mais adequado à escrita formal, porém, é possível considerar que esta seja uma estratégia para chamar a atenção para o

tema abordado: a língua em uso. Pode-se interpretar esse questionamento como uma maneira de afirmar que a atitude negativa diante das variedades linguísticas menos prestigiadas da língua portuguesa não tem um propósito relevante.

Em seguida, eles apresentam uma fala que expressa o mesmo propósito comunicativo, mas é dita de duas formas diferentes: por um gaúcho, representando um grupo social rural e que supostamente é usuário de uma variedade mais distante da norma considerada culta; e por um representante de um grupo urbano e que utiliza uma variedade mais próxima a essa norma e, portanto, mais prestigiada. Porém, o que eles enfatizam é que os dois dizem “a mesma coisa” de maneira diferente e que isto não seria motivo para atrapalhar a intercompreensão.

Atendendo ao objetivo do gênero propaganda social proposto na sequência didática, eles se posicionam contra o preconceito linguístico e tentam persuadir o leitor a mudar de atitude também. Pode-se dizer então que, neste caso, houve uma mobilização para uma atitude linguística positiva diante das variedades menos prestigiadas, uma vez que os alunos usam como argumento para a persuasão a ideia de que o importante é que haja compreensão e deixam implícito que não há uma variedade melhor que a outra, mas sim diferente, conforme defendem Bortoni-Ricardo (2009), Bagno (2007) e Geraldini (2009). Afirmando que não existe uma relação de superioridade entre uma variedade e outra, o que existe na verdade é que o prestígio que determinadas classes sociais mais favorecidas possuem acaba sendo transferido para a sua variedade linguística.

Exemplo 9:



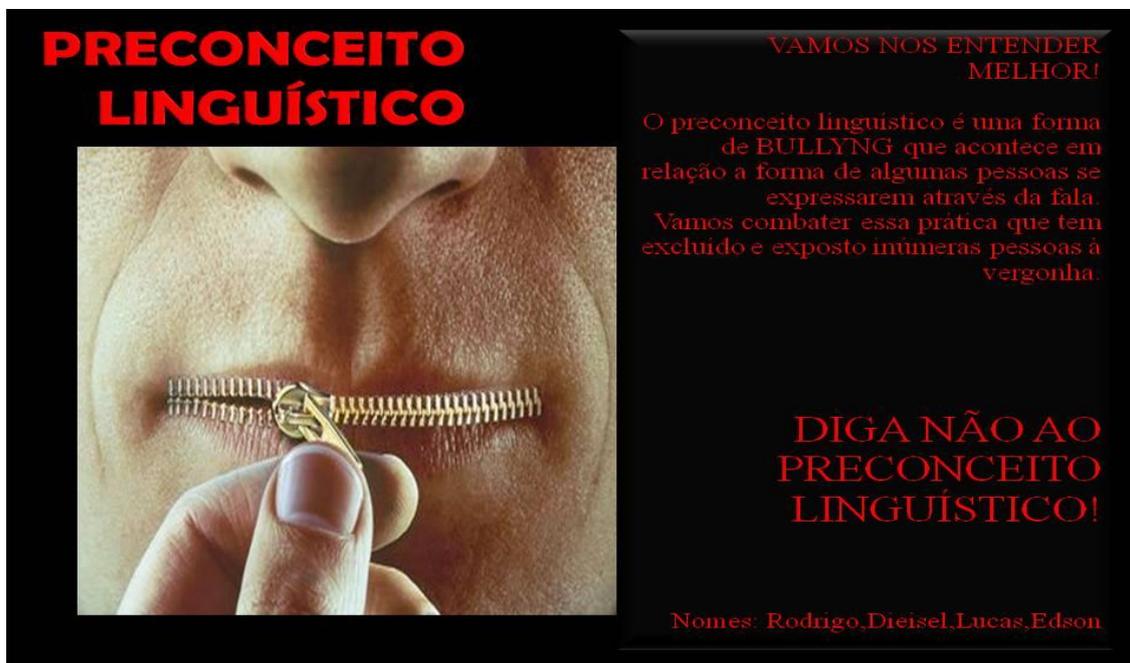
No exemplo dois, os alunos definem o que é preconceito linguístico e em seguida criam uma cena de desrespeito e deboche com a variedade utilizada por um menino caipira diante de seus amigos ou colegas. Depois, eles refletem sobre a questão de que algumas pessoas desconhecem ou não dão a devida importância a esse fenômeno, retomando uma ideia que aparece nas produções iniciais deles e que está listada em uma das categorias da análise anterior, na qual eles não consideram o desrespeito ou a desvalorização da linguagem do outro um preconceito.

Através dessa propaganda, os alunos deixam claro seu posicionamento diante da temática no momento de produção, quando colocam na voz de um personagem de desenho animado a frase: *“Preconceito NÃO ta com nada!”* e atendem aos critérios do gênero propaganda social quando chamam os leitores para aderirem a essa ideia com a seguinte frase: *“A partir de agora, através dessa campanha, vamos entrar na luta contra o preconceito linguístico, que é um dos mecanismos de exclusão social.”*

Ao mencionarem que o preconceito linguístico é um dos mecanismos de exclusão social, os alunos demonstram terem percebido que as atitudes linguísticas negativas em relação às variedades menos prestigiadas do português tratam-se, na verdade, da desvalorização da cultura dos seus falantes, pois, conforme afirma Bagno (1999), o que se desvaloriza não é a língua, mas sim a pessoa que fala essa língua, assim como também

assegura Fernández (2005) a língua é avaliada de acordo com o *status* ou as características sociais dos seus usuários.

Exemplo 10:



O que mais chama a atenção nesse terceiro exemplo é a imagem, que mostra alguém fechando ou abrindo a boca com um zíper e, acima da imagem, em maior destaque que o restante do texto, o tema *PRECONCEITO LINGUÍSTICO*. Associando então a imagem ao tema, podemos supor que, se o zíper está sendo fechado, representa alguém que se cala diante da vergonha de ser ridicularizado pela sua variedade linguística ou então, se o zíper estiver sendo aberto, está representando o ato de combater o preconceito linguístico, possibilitando que a pessoa tenha a liberdade de se expressar através da sua variedade linguística sem se sentir constrangida.

Em menor destaque está a frase: “*Vamos nos entender melhor!*”, seguida de um texto explicativo sobre o preconceito linguístico. Nesse texto, os alunos associam esse fenômeno a outro, bastante comentado nas escolas atualmente: o bullying, deixando claro que essa é uma prática que deve ser evitada. Abaixo, em letras maiores, eles colocam a frase “*DIGA NÃO AO PRECONCEITO LINGUÍSTICO*”, utilizando o verbo no imperativo, com a intenção de mobilizar o leitor a mudar de atitude frente ao tema debatido. Dessa forma, o grupo demonstra uma atitude positiva diante das variedades linguísticas do português.

Os três exemplos de produção final analisados evidenciam que os alunos, após as reflexões feitas ao longo da sequência didática, demonstram uma atitude linguística

positiva diante da temática da variação e do preconceito linguístico, ou seja, entendem que a questão abrange aspectos sociais, econômicos e culturais.¹⁰

Exemplo 11:

Não ao “Pré”-Conceito Linguístico

O preconceito na língua é adquirido através do tempo, onde os meios de comunicação nos passam uma imagem distorcida da realidade cultural de uma determinada região. **NÃO PODEMOS ACEITAR** que pseudointelectuais unifiquem a nossa língua impondo regras como em uma ditadura, calando os que desconhecem a norma culta.

Os mitos e os preconceitos não podem impedir uma língua de ser falada!

“Não existe uma regra, um único jeito de se falar. Fazer as pessoas acreditarem nisso é desperdiçar uma notável evolução!” (Marcos Bagno)

Vejo pessoas se enganando pela mídia. **SORRIA!**
 veja contigo! **JN CARAS** **VOCÊ ESTÁ SENDO MANIPULADO!**

Nesse exemplo os alunos vão além da temática debatida em aula e abordam a influência da mídia na construção do preconceito linguístico, apontando que ela ajuda na criação dos estereótipos em torno de determinadas variedades. Entendendo que a caricaturização feita pela mídia é transferida para o prestígio relacionado à variedade linguística de alguns grupos, influenciando diretamente nas atitudes linguísticas das pessoas em relação a elas.

O título da campanha desse grupo também chama a atenção pela maneira como eles escreveram “preconceito”, separando de forma proposital e destacando o prefixo: “pré”-conceito, indicando esse fenômeno de pré-concepção que fazemos de determinados grupos

¹⁰Dessa maneira, os alunos conseguem fazer uma campanha atendendo aos critérios solicitados e ao gênero propaganda social trabalhado em aula, visando convencer os leitores a mudarem de comportamento. A análise da apropriação do gênero não foi o objetivo principal deste artigo, mas poderá ser aprofundada em um futuro estudo.

influenciados pela visão, muitas vezes distorcida, que a mídia nos vende, “calando os que desconhecem a norma culta”.

Ao utilizarem a frase: “os mitos e preconceitos não podem impedir uma língua de ser falada”, esses alunos parecem reconhecer que os mitos e preconceitos são mais difíceis de se mudar do que as atitudes. O grupo utiliza uma citação de Marcos Bagno (que, embora tenha sido uma das referências da professora para a elaboração da proposta didática, nunca havia sido citado em sala de aula) para afirmar que “não existe uma regra” ou uma única maneira de se fazer uso da língua, demonstrando uma atitude linguística positiva diante das variedades linguísticas.

Exemplo 12:



Nessa produção o que mais chama a atenção é a imagem e o diálogo entre os dois personagens. Vemos o menino “rico” usando uma variedade linguística mais prestigiada e o menino “pobre” usando uma variedade menos prestigiada do português para pedir dinheiro ao outro. Com essa ilustração o grupo demonstra ter percebido que o preconceito

com determinadas variedades linguísticas é, na verdade, o preconceito com todo um grupo social usuário dessa variedade.

A produção apresenta um texto curto e direto, característico do gênero propaganda social proposto e tenta mobilizar o leitor através do uso do verbo no imperativo “*Diga não ao preconceito linguístico*”. Em seguida os alunos trazem uma definição sobre esse fenômeno.

É possível dizer que neste caso também houve uma mobilização e uma mudança de atitude linguística, uma vez que os alunos conseguem perceber que determinados grupos sociais transferem o seu prestígio para a fala, enquanto o contrário acontece com os grupos sociais discriminados (BORTONI-RICARDO, 2009; BAGNO, 2007; FERNÁNDEZ, 2005) e posicionam-se contra o preconceito linguístico quando afirmam que ele existe e deixam implícito que ser conivente com esse fenômeno é um “vacilo”: “Não vacile, diga não ao preconceito linguístico”.

Exemplo 13:

QUAL PROBLEMA DE FALÁ ERADO?

ATEMSAO
NAO NOS RESPONCABELI-
SAMOS PELA VARIASSAO
LINGUISTICA NUM PAIS COM
DESECEIS MILIOES DE ANA-
UFABETOS

O preconceito linguístico é uma forma de discriminação que muitos de nós praticamos e nem percebemos!

Essa forma de prejulgamento acontece principalmente devido às variedades linguísticas regionais, mas também ocorre em casos que envolvem o nível educacional das vítimas. Cerca de 9,7% da população brasileira é analfabeta.

Sabemos que a língua falada no Brasil é o português, porém temos que ter consciência que a **língua falada** é totalmente diferente da **língua escrita**.

Essa produção, na qual os alunos trazem a questão do índice de analfabetismo no país e associam isso ao fenômeno da variação linguística, parece não deixar claro qual o posicionamento dos alunos diante da temática proposta. Eles definem o que é preconceito linguístico e se colocam na posição de preconceituosos ao utilizar o pronome “nós” e em seguida modalizam dizendo “praticamos e nem percebemos”, talvez concebendo essa atitude como algo natural.

Outra questão que fica confusa nessa produção é a dicotomia língua falada/língua escrita, que também foi um tema trabalhado na sequência didática, explicitando que a escrita também varia de acordo com o suporte, o gênero, e o propósito comunicativo, porém eles afirmam que a língua escrita é totalmente diferente da língua falada e, no entanto, tanto no título, quanto em uma das imagens da propaganda o que vemos é uma escrita cheia de erros ortográficos, chamando a atenção para a questão do analfabetismo e não para o tema em questão que seria a variação linguística e para isso eles poderiam ter usado somente a reprodução da oralidade na escrita.

Essa separação rígida entre fala e escrita já não está mais de acordo com os estudos linguísticos contemporâneos, no entanto, de acordo com Bagno (2007), a grande maioria das pessoas ainda acredita que existe uma grande diferença entre língua falada e língua escrita, assim como afirmaram esses alunos. Porém, a escrita é tão heterogênea quanto a fala e podemos evidenciar isso analisando diferentes gêneros textuais em busca de sinais de mudanças linguísticas.

Através da leitura dessa propaganda, não se pode evidenciar se houve ou não uma mudança nas atitudes linguísticas desses alunos, pois eles lançam um questionamento “*cual o problema de falá erado?*”, mas não deixam claro o posicionamento deles diante disso, enfatizando a crítica social às políticas educacionais do país e não a campanha de combate ao preconceito linguístico proposta.

A leitura e comparação das primeiras e últimas produções nos permitem concluir que há evidências de uma mudança nas atitudes linguísticas dos alunos, já que, conforme vimos anteriormente, nas produções iniciais eles demonstram atitudes negativas ou pouco problematizadas diante da temática, permeadas por seus valores, crenças e condutas que até então não haviam sido questionados frente a esse assunto. No entanto, percebe-se que, após o período em que se discutiu e trabalhou a temática da variação e do preconceito linguístico, eles conseguem se mobilizar, posicionando-se contra as atitudes linguísticas

negativas, ou seja, o preconceito linguístico, e em favor de atitudes mais positivas, embora às vezes também passíveis de reprodução de estereótipos (cf. exemplo 8 acima).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise e investigação feita neste trabalho, comparando-se as produções iniciais e finais dos alunos que participaram da sequência didática sobre variação e preconceito linguístico, pode-se afirmar que há evidências de mudança nas atitudes linguísticas desses alunos, pois se percebe que a grande maioria conseguiu fazer uma reflexão sobre a questão social que está por trás das diferentes formas de uso da língua, percebendo que o preconceito em relação às variedades menos prestigiadas da língua portuguesa é, na verdade, um preconceito em relação aos falantes dessas variedades e que, portanto, precisa ser combatido.

Deste modo, acredita-se que a sequência didática atingiu seus objetivos, proporcionando aos alunos uma reflexão sobre a língua e sua função social, tornando visível para eles uma questão sobre a qual muitos admitiram nunca terem refletido anteriormente. Nesse momento, cabe ressaltar que uma das maiores dificuldades durante a escrita deste artigo foi separar o olhar de professora, que esteve presente durante todo o processo e acompanhando as mudanças de atitudes linguísticas nos alunos, do olhar de pesquisadora que deveria avaliar os dados gerados e as evidências encontradas nesses dados. Assim sendo, foi difícil construir um olhar crítico sobre as produções aqui analisadas.

Ao longo das três vezes em que a sequência didática foi desenvolvida, foi possível perceber que através das reflexões e discussões feitas os alunos foram se posicionando criticamente diante da temática proposta, entendendo que todas as variedades da língua portuguesa merecem ser respeitadas e valorizadas, além de entenderem a importância de ampliarem seu repertório linguístico para poderem alterar a sua fala e sua escrita da maneira mais adequada de acordo com a exigência da situação.

Bagno (2007) diz que o principal foco para uma transformação das concepções linguísticas, ou, conforme Fernández (2005), das atitudes linguísticas que vigoram na sociedade, tem de ser a escola, até porque, foi ela a principal transmissora e reprodutora dessa ideologia linguística do preconceito. Entretanto, sabemos que o trabalho com essa temática não é simples e exige muito do professor, pois mexe com representações sociais e valores, crenças e condutas de cada indivíduo envolvido no processo.

Bortoni-Ricardo (2005) diz que qualquer posição que coloque ou pareça colocar em risco a “pureza” do idioma pátrio será sempre recebida com perplexidade e resistência e que os valores culturais associados às variações linguísticas prestigiadas, consideradas corretas, apropriadas e belas, são ainda mais arraigados e persistentes que outros, de natureza ética, moral e estética.

Portanto, trabalhar com essa temática em sala de aula é mexer com esses valores e exige sensibilidade do professor. Entretanto, um trabalho responsável e consciente poderá promover uma mudança significativa nas atitudes linguísticas dos alunos, contribuindo assim para a formação de cidadãos conscientes e respeitosos para com a heterogeneidade social do nosso país.

6. REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E.D.A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro? um convite à pesquisa**. São Paulo: Parábola, 2004.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BAKHTIN, Michail. **Estética da Criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolingüística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. **Principios de sociolingüística y sociolingüística del lenguaje**. Barcelona: Editorial Ariel, S.A., 2005.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. São Paulo: Mercado das Letras, 2009.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos e a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2007.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Secretaria de educação Básica. **Orientações Curriculares Nacionais. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.** Brasília: S/E, 2006.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado de Educação. Departamento pedagógico. **Lições do Rio Grande: Referencial curricular para as escolas estaduais.** Porto Alegre: SE/DP, 2009.

SCHNEUWILY, B; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas: Mercado das Letras, 2004.